



Sobre cães de trenó e *perros salvajes*: o que pode um cão na Terra do Fogo

Luisa Amador Fanaro¹

Resumo: O tema de minha pesquisa de mestrado são os cães que puxam trenó em Ushuaia (capital da Província da Terra do Fogo/Argentina) e suas relações com seus criadores e com os turistas, para os quais ambos trabalham. No entanto, durante minha permanência em campo deparei-me também com outros cães em outros contextos: os *perros fueguinos*, que conviveram (ou não) com as primeiras populações fueguinas; o *perro polar argentino*, raça produzida pelo Exército para a exploração antártica; os inúmeros cães de companhia abandonados na cidade; e, finalmente, os *perros salvajes*, que habitam as zonas rurais e constituem, para os fueguinos, “animales dañinos” e “especie exótica invasora”. Destarte, neste trabalho proponho-me a pensar, com atenção especial aos cães de trenó e aos *perros salvajes*, quais são os diferentes sentidos e formas que a noção de domesticação pode assumir nesses contextos diversos em que cães e humanos se relacionam: de animais daninhos a produtos de “aperfeiçoamento genético”, o que pode um cão na Terra do Fogo?

Palavras-chave: Relações humano-animal; Trabalho animal; Cães asselvajados; Cães de trenó; Codomesticação.

Introdução: do trabalho ao ostracismo, os cães na Terra do Fogo

O tema de minha pesquisa de mestrado são os cães que puxam trenós em Ushuaia (capital da Província da Terra do Fogo/Argentina) e suas relações com seus criadores

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/UFSCar). Bolsista FAPESP. Membro do grupo de pesquisa *Humanimalia – Antropologia das Relações Humano-Animais*.

(que também são os próprios condutores dos trenós) e com os turistas, para os quais ambos trabalham. Não obstante, durante minhas primeiras semanas em campo, para além dos cães de trenó defrontei-me inesperadamente com uma miríade de cães, bem como com impasses que abarcam, política, econômica, arqueológica e antropológicamente, seres humanos e caninos naquela região do país vizinho: a carência, até o momento, de evidências arqueológicas que comprovem a existência do cachorro doméstico (*Canis familiaris*) na Terra do Fogo no decurso dos mais de seis mil anos de ocupação desta pelas populações fueguinas, apesar das detalhadas referências a esses animais nos relatos de viajantes dos séculos XIX e XX; o *perro polar argentino*, produto do Exército para as expedições antárticas em meados do século XX; o problema do abandono de cães de companhia na Terra do Fogo e sua reverberação social; e, finalmente, os *perros salvajes* (ou *perros asilvestrados*), que constituem, de acordo com os *estancieros* e com grande parte da população fueguina, “*jaurías*² *dañinas*” economicamente muito prejudiciais à Província, uma vez que, por um lado, atacam e matam ovelhas e carneiros, que constituem a base da pecuária fueguina, e, por outro, desprestigiam certas atividades turísticas, por conta do risco que representam aos turistas – e, no caso dos *criaderos*³, aos cães de trenó.

Permite-se aos cães na Terra do Fogo que sejam animais de companhia, puxadores de trenós, “fujões” e, mesmo, animais abandonados – não por lei, é claro, mas a enorme quantidade de animais vagando pelas ruas de Ushuaia, bem como os discursos daqueles (humanos) que tive a oportunidade de conhecer ao longo da pesquisa de campo, aponta para certo “desmazelo” ou “ineficiência” estatal em “resolver” o problema do abandono de animais domésticos. Como sugerido a Osório (2013:157) em seu contexto de pesquisa, em Ushuaia muito escutei que “animais de rua são animais abandonados e animais com dono que têm acesso à rua são animais não geridos pela posse responsável”. No entanto, essa *tenencia responsable*, que envolve o afeto e os cuidados para com os cães e, portanto, seu controle – sejam eles de companhia, de trenó ou *perros callejeros* –, não é estendida aos tais dos *perros asilvestrados* que habitam as zonas rurais e as regiões mais desabitadas (por humanos) na Terra do Fogo: ali, pareceu-me que os fueguinos tendem a se preocupar mais com os cães asselvajados – e os problemas econômicos que eles supostamente provocam – que com os cães abandonados nas ruas.

² *Jauría*, no *Diccionario mini de la lengua española Larousse*, tem por definição “conjunto de perros que cazan juntos”. Neste contexto, o termo tem uma conotação negativa, algo como “gangues” caninas, como foi sugerido por Santos (2018) entre os Guarani-Mbya no Jaraguá (São Paulo/SP). A tradução para o português, no Dicionário Michaelis, é “matilha”.

³ *Criaderos* são os locais nos quais os cães de trenó são criados e onde acontecem os passeios de trenó.

Aqueles que tanto repudiam a prática do trenó puxado por cães, que proclamam que “perros no son caballos, no son burros de carga”, são os mesmos que defendem o controle (leia-se, a dizimação) dos *perros salvajes* – e que, simultaneamente, exigem soluções para os “pobres coitados” dos cães que vivem nas ruas da cidade. Por outro lado, para aqueles que praticam o *mushing*⁴ e trabalham diretamente com os cães de trenó, ou seja, que não consideram o trabalho canino um mau trato ou uma exploração, os *perros salvajes* também representam uma ameaça que deve ser “controlada” – pois podem colocar seus cães e os turistas em risco –, a não ser quando, porventura, um cão asselvajado o deixa de ser: quando, por exemplo, um filhote de *perro salvaje* aparece pelas bandas do *criadero*, sozinho, e é “adotado” e treinado para o trabalho de tracionar um trenó. Nesse sentido, a partir do momento em que o cão aprende a “*tirar un trineo*”, a partir do momento em que aprende a *traballar*, ele abandona sua condição de *perro salvaje* – e, portanto, de “animal dañino” e de “especie exótica invasora” (Schiavini & Narbaiza 2015) – e passa a ser um cão de trabalho.

Por que os cães, quando fogem ao controle humano, passam de animais de companhia ou de trabalho à espécie exótica invasora e uma ameaça à economia, tal qual acontece na Terra do Fogo com os *perros asilvestrados*? E por que estes, quando se fazem – e são feitos, tanto por humanos quanto por cães – animais de trabalho, retornam à sua condição de cão doméstico e, por consequência, se tornam suscetíveis à comisseração, apreço, cuidado e outros sentimentos (humanos)? Sumariamente, por que, naquele contexto, não se sente compaixão pelos cães asselvajados? Vale apontar aqui que a condição mesma de “selvagem” desses cães foi-lhes outorgada pelo próprio humano, uma vez que a formação das primeiras “jaurias de perros salvajes” deveu-se, inicialmente, aos inúmeros abandonos de cães domésticos nas zonas ermas da Província. Nesse sentido, cabe a pergunta: o que os fueguinos estão querendo dizer com “selvagem”? Parece-me, neste cenário, que “selvagem” tem mais que ver com produto humano que com condição “natural”.

Destarte, sugiro neste artigo que as linhas que divisam cães de trenó e *perros salvajes* no contexto que aqui se apresenta dizem respeito especialmente ao trabalho animal – e às práticas e técnicas envolvidas na *assemblage* que é a prática do trenó. O trabalho, aqui, bem como sua aprendizagem e execução, parece ser o aspecto que permite aos

⁴ *Mushing* é o termo utilizado para se referir à prática do trenó.

cães adentrarem os domínios do que, aparentemente, é exclusivamente humano. Cães de trenó nascem, crescem e passam suas vidas nos *criaderos*; diariamente, eles acordam, comem, trabalham, brincam, comem e dormem. Como me sugeriu Piero Leirner (em comunicação pessoal), parecem operários ingleses dos séculos XVIII e XIX.

À parte as críticas – dos turistas, principalmente – sobre o trabalho canino, para quem, via de regra, cães não são animais de trabalho, proponho-me aqui, a partir de meu contexto etnográfico, a pensar especialmente a dicotomia doméstico/selvagem e a sua fluidez. Além disso, sendo os cães de trenó e suas relações com os humanos – *mushers*⁵ e turistas – o tema medular de minha pesquisa, tenciono também explorar essas relações de forma a desvelar as diferentes técnicas e práticas que as envolvem. Grosso modo, cães de trenó “novatos” aprendem a puxar um trenó tanto com os *mushers* quanto com os próprios cães “veteranos”: aprendem, por um lado, porque são “naturalmente” puxadores de trenós; são, nas palavras de Hugo Flores, proprietário do *Criadero Siberianos de Fuego* e meu principal contato em campo, “entrenados con genética” – aqui, a questão do controle humano sobre a reprodução canina é central para essa ordem argumentativa. Por outro lado, porém, os cães de trenó aprendem *fazendo*, “tirando un trineo”, e observando os outros cães; aprendem, principalmente, por conta da “disciplina” que lhes exigem (com latidos, rosnadas, olhares e leves mordiscadas) os cães já experientes na prática.

Cães de trabalho, para Cummins (2009:119), são aqueles que “are bred and trained for specific functions for human kind”. Nessa acepção, cães que não ocupam qualquer “posição” social, como os *perros salvajes*, deixam de ser “o melhor amigo do homem” e passam a consistir em espécie exótica invasora. Não importa como ali chegaram – no caso, a partir do abandono. O que interessa, tanto para aqueles (humanos) que trabalham nos *criaderos* quanto para os turistas e a população fueguina, é que o “problema” seja resolvido – salvo nos casos em que *perros asilvestrados* se incorporam e são incorporados à equipe (*equipo*⁶, em espanhol), ou seja, se criam e são criados cães de trabalho. Diferente do que acontece com os cães de trenó, que para os *mushers* são estritamente animais de trabalho e para os turistas, que “aparentam” ou “familiarizam” os cães, são

⁵ Musher é o termo utilizado, ao menos na prática turística e desportiva, para designar aquele (humano) que conduz o trenó.

⁶ *Equipo* é o termo utilizado pelos *mushers* para designar o encontro entre cães, trenó e humano: assim, *musher*, cães de trenó e trenó conformam “un equipo”.

animais de companhia que não deveriam ser animais de tração, os cães asselvajados são, unanimemente, uma moléstia.

Para os fins aqui delineados, então, este artigo será composto por duas seções: na primeira, ocupar-me-ei dos *perros salvajes*, seu estatuto de “animal dañino” e seus “impactos” na economia da Terra do Fogo; em seguida, exploro os 137 cães de trenó do *Criadero Siberianos de Fuego*, que foi o principal sítio de minha pesquisa, no esforço de desvelar, mesmo que preliminarmente, o que o trabalho animal, neste caso, tem a nos dizer a respeito da dicotomia doméstico/selvagem. Além disso, nessa mesma seção busco apontar, a partir de meus dados etnográficos, qual é a ideia que se faz de domesticação em *Siberianos de Fuego*: ali, *domesticar* refere-se tanto a práticas, com uma agência distribuída, que passam por uma mediação técnica – o ato de conduzir um trenó, por um lado, e tracioná-lo, por outro – quanto a uma “educação para a atenção” (Ingold 2000).

Neste contexto, domesticação, ou, quiçá, como sugere Fijn (2011), codomesticação, diz respeito a práticas relacionais – e, portanto, é um processo contínuo que se distribui entre *mushers* e cães. A (co)domesticação está no ato, no momento da *assemblage* técnica; está no conduzir e tracionar um trenó. Ao refletir sobre a relação entre humanos e cães nas competições de *agility*, Haraway (2003:62) sugere que “(...) both dog and handler have to be able to take the initiative and to respond obediently to the other. The task is to become coherent enough in an incoherent world”. Substitua-se *dog* por *dogs* e *handler* por *musher*, a frase não perderá o seu sentido original: como as competições de agilidade, os passeios turísticos de trenó, na conjuntura aqui apresentada, são práticas que mobilizam, se não uma harmonia, um pacto de respeito e resposta entre humanos e cães para que o próprio trenó aconteça, mesmo porque um trenó não se desloca sozinho. Conforme Sautchuk (2018:87), “(...) o valor desse termo [domesticação] para a antropologia está justamente na maleabilidade com que ele pode ser empregado, o que permite diferentes torções e aproximações”. Nas considerações finais deste artigo, portanto, retorno às questões cá apresentadas na tentativa de, ao menos preliminarmente, buscar algumas respostas para as tantas ambiguidades que afloram, na conjuntura aqui delineada, quando nos perguntamos o que, afinal, queremos dizer quando estamos falando em domesticação.

O abandono de cães em Ushuaia e os *perros asilvestrados*: sobre cães estatuídos como “*especie exótica invasora*”

Desembarquei em Ushuaia no dia cinco de agosto de 2018, por volta das nove horas da manhã. Já em meus primeiros dias de permanência em campo, a presença copiosa de cães nas ruas da cidade, seja no centro, seja nos bairros mais afastados, chamou-me a atenção. Esses cães têm dono? São cães abandonados? E, conversando com Aixa, a proprietária da casa na qual me hospedei ao longo da pesquisa, bem como com Ariel, o senhor responsável por meu transporte até os centros invernaís⁷, descobri que esses cães são, sim, em sua maioria, cães abandonados, *perros callejeros*.

De acordo com Aixa, Ushuaia tem um grande problema com cães abandonados, uma vez que os projetos cívicos e as ordenanças municipais que visam à manutenção e aos cuidados desses animais não funcionam na prática: os serviços gratuitos oferecidos pelo *Departamento de Zoonosis*, como a esterilização e a implantação de chip, bem como a penalização daqueles que deixam seus cães soltos nas ruas, não são medidas suficientemente empregues. Seu cão labrador, Negro, por exemplo, foi abandonado – e adotado por Aixa há cerca de um ano; ele tem por volta de sete anos. Além disso, conforme me contou Ariel, “Ushuaia es una ciudad con mucha gente en tránsito, gente que vino a trabajar, se queda sin trabajo y se va. Y dejan sus perros tirados”.

O abandono de cães em Ushuaia é uma questão de longa data, não é algo recente: os primeiros registros de ataques de *perros salvajes* remontam à década de 1970 (Schiavini & Narbaiza 2015). Tanto Aixa quanto Ariel mencionaram as *jaurías de perros salvajes*; disseram-me que são formadas por cães muito agressivos: matam animais das *estancias*, como cavalos, ovelhas, carneiros e vacas, além de atacarem humanos. Segundo Ariel, esses são cães que descendem de cães citadinos abandonados, que vêm se reproduzindo há muitas gerações, nascendo e vivendo sem qualquer contato e controle humanos:

La gente los lleva de la ciudad y los tira, porque ya no los quieren. Los llevan al campo, los tira, y el animal, después, sobrevive, y se hace salvaje, se conforma una manada, busca a un macho alfa.

⁷ Centros invernaís são grandes complexos turísticos que oferecem diversas atividades, como os passeios de trenós puxados por cães, passeios em motos de neve e caminhadas com raquetas. Cada atividade oferecida costuma ser administrada separadamente por pessoas físicas ou agências turísticas.

Lo que pasa es que en la isla hay una zona llamada Península Mitre. Esta zona está deshabitada prácticamente, es salvaje. Entonces hay mucho animal que ha ido a este lugar y se criado solo. Hay no solo perros, hay caballos salvajes, hay toros y vacas salvajes. Ocho mil cabezas de ganado asilvestrado, de acuerdo con los estancieros. Y ellos se van reproduciendo. Y lo mismo pasa con los perros. Una vez que ellos se adaptan al lugar, también van se reproduciendo de manera exponencial (Ariel).

De acordo com o censo nacional de 2011⁸, a Província da Terra do Fogo tem por volta de 127 mil habitantes, dos quais 57 mil vivem em Ushuaia, 66 mil em Río Grande, três mil em Tolhuin e 1.200 nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos. Por outro lado, conforme informações que me foram disponibilizadas no *Departamento de Zoonosis de Ushuaia*⁹, se estima que, na cidade, haja mais de dezoito mil cães, ainda que não se saiba com precisão quantos têm dono e quantos não têm (em Río Grande, por sua vez, calcula-se a existência de trinta e três mil cães). Além disso, durante minha estada em campo, tive a oportunidade de conhecer Tolhuin, pequeno povoado localizado a aproximados cem quilômetros de Ushuaia: ali, o abandono de cães, somado à inexistência de um canil municipal, resultam numa superabundância de animais vagando pelas ruas.

Em Ushuaia, o *Departamento de Zoonosis* disponibiliza gratuitamente os serviços de castração, registro e identificação dos animais por implantação de microchip (gratuito e obrigatório, no caso dos cães domésticos), assistência para adoção e antiparasitários de amplo espectro. De mais a mais, o Departamento também se responsabiliza pela fiscalização e controle dos cães soltos e sozinhos nas vias e espaços públicos. A *Ordenanza Municipal Nº 4800*, sancionada no dia 10 de dezembro de 2014, regula a “tenencia responsable de las especies domésticas (canes y felinos) que el hombre utiliza como compañía”. Para além da *Ley Nacional 14.346*¹⁰, que estabelece que o proprietário de um animal de companhia (cães e gatos) deve prover-lhe “alimentación, bebida, asistencia sanitaria, y brindarle las instalaciones mínimas adecuadas a sus necesidades fisiológicas”, a ordenança prevê, dentre seus 41 artigos e para os fins deste texto, que a circulação de animais domésticos sem a companhia de seus putativos donos é expressamente proibida.

Apesar de o descumprimento normativo resultar em multas e outras penalidades, essas medidas, na prática, não parecem ter a eficácia necessária para resolver a questão

⁸ Disponível em: <<https://www.indec.gov.ar/>>.

⁹ Para outras informações: <<https://www.ushuaia.gob.ar/zoonosis>>.

¹⁰ Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar>>.

dos numerosos cães nas ruas. Além disso, de acordo com Ariel, os cães em Ushuaia são muito fujões porque “sus dueños no dan cuenta de mantenerlos presos [em suas casas]”. O cão labrador Negro, por exemplo, passava horas, todos os dias, solto nas ruas sem seus donos – além de escapar frequentemente, era, muitas vezes, solto deliberadamente. A questão, então, vai muito além do que comumente designamos por “abandono”, pois Negro não era um cão abandonado, e tampouco maltratado.

Como já mencionado, na Terra do Fogo os cães também são amiúde abandonados nas zonas rurais e nas extensas áreas desabitadas da Ilha (como a Península Mitre, a nordeste de Ushuaia, de acordo com Ariel). Esses cães, que por décadas vêm se reproduzindo e vivendo afastados dos centros urbanos, constituem, conforme o que me foi contado em campo e a bibliografia disponível (Schiavini & Narbaiza 2015), “jaurías de perros salvajes”.

O *perro asilvestrado* é, para mais de um problema social – que, inclusive, não me pareceu ser motivo de preocupação por parte das associações civis de proteção animal, como a *Ushuaia ARAF (Amigos del Reino Animal Fueguino)* –, uma questão econômica na Terra do Fogo, uma vez que “el impacto del perro asilvestrado ha forzado a la mayor parte de los establecimientos del ecotono a reconvertir la actividad ganadera de ovinos a bovinos” (Schiavini & Narbaiza 2015:4) Por conta dos frequentes ataques caninos às criações, os *estancieros* estão deixando de criar ovelhas e carneiros, duas espécies animais que “tradicionalmente” caracterizam a Patagônia – mas que, veja-se, também são animais introduzidos, como os próprios cães de trenó –, e passando a criar gado bovino. Ademais, esses cães passaram a ser definidos como uma “espécie exótica invasora”, ao lado de outros animais não autóctones, como o castor, o rato almiscarado e a raposa-cinzenta.

O cão, como espécie exótica invasora, deixa de ser um animal de estimação, uma *mascota*, ou um animal de trabalho – o que nos leva a crer que a definição de “exótico invasor” nada diz respeito à procedência dos animais, mas aos seus efeitos, e em como eles são sentidos: cães de trenó, apesar de não autóctones, são símbolo turístico; cães soltos, sem nenhum tipo de controle humano, são animais daninhos, são *plagas*. Criadores de ovelhas na Terra do Fogo estão, inclusive, empregando cães protetores (de trabalho), para defender seus rebanhos dos ataques de *perros asilvestrados*. São cães criados e treinados para tal tarefa: apesar de o número de cães protetores na Terra do Fogo ainda ser muito pequeno, vê-se germinar uma conjuntura em que cães são treinados especificamente para proteger rebanhos e atacar (e mesmo eliminar) outros cães. Além disso, Ariel,

militar aposentado, me contou que quando ainda trabalhava no Exército e realizava treinamentos nas regiões ermas da Ilha, como a Península Mitre, os *estancieros* lhe diziam que, quando avistasse um *perro salvaje* ou uma *jauría*, deveria abatê-lo(s) de imediato.

O que é um cão sem o humano? Ao que tudo indica, neste contexto, cães se reproduzindo e vivendo sem controle humano tornam-se “moléstias”, “infratores”, “animais daninhos”, e “predadores onívoros e carniceiros” (Schiavini & Narbaiza 2015). Além de afetar a atividade pecuária, o *perro asilvestrado* tem sido acusado de acosar o setor turístico e acometer, negativamente, a “imagem” da cidade.

Afirmou Morey (2010:199) que “(...) it seems that dogs belong with people. (...) Dogs simply do not thrive when deprived of regular human care and interaction”. Seguindo essa mesma lógica, para os *mushers* nos *criaderos* cães asselvajados o deixam de ser (deixam de ser uma ameaça, um problema) no momento em que aprendem a tracionar um trenó e passam a constituir o *equipo* – quando aprendem a trabalhar. No *Criadero Siberianos de Fuego*, por exemplo, há *Lonely*, uma cadela asselvajada que foi encontrada sozinha nas cercanias, quando ainda era filhote, e foi “*entrenada*” na prática do trenó, e *Bigote*, fruto de um cruzamento entre uma cadela husky alaskana¹¹ do *Criadero* e um *perro salvaje*, que certa feita logrou invadir os canis cercados nos quais as fêmeas no cio ficam confinadas. No entanto, contrariamente ao que foi sugerido por Morey (2010), o número crescente de cães asselvajados na Terra do Fogo parece estar apontando para outros resultados – em 2012, foram contabilizados mais de 1.200 *perros salvajes*, e se estima que os números sejam ainda maiores (Schiavini & Narbaiza 2015); cães, então, não (necessariamente) carecem da companhia humana para, nas palavras de Morey, “prosperar”: de acordo com Schiavini e Narbaiza (2015:3), *perros salvajes* mantêm “*interacciones de comensalismo con el zorro gris, otra especie exótica, y con aves carroñeras*”.

Em Ushuaia, se por um lado a presença dos *perros salvajes* tem colocado em risco certos nichos econômicos, como a pecuária e o turismo, além de ser indesejada e combatida pela sociedade fueguina, por outro há o fomento entusiasmado da prática turística do trenó puxado por cães, que é uma das atividades mais buscadas pelos turistas na

¹¹ O husky alaskano é a raça canina mais utilizada atualmente para tracionar um trenó, seja no turismo ou em competições. Não é uma raça reconhecida oficialmente pelas federações cinológicas internacionais. O alaskano é uma mistura de diversas raças, e foi criado em meados do século XX com o propósito de potencializar o desempenho dos cães no trabalho e nas corridas de trenó no Alasca, bem como no Canadá e em países europeus.

temporada de inverno; nesse sentido, o que é um cão deriva do conjunto de distintos encontros e práticas materiais e semióticas entre humanos e não humanos: como sugerem Lien e Law (2011:70, itálico no original), “if an object (...) emerges in the relations of practice, then we need to remember that there are *many practices*”. *Perros salvajes* foram feitos e se fizeram “selvagens” desde as práticas do abandono; neste contexto, parece não haver espaço para cães asselvajados: parece, aqui, que o *perro salvaje* não faz sentido e, portanto, deve ser (ou é passível de ser) eliminado. Os cães de trenó, por sua vez, apesar de constituírem espécie exótica (como o próprio trenó), são também um símbolo turístico muito rentável; como me foi sugerido pelos *mushers* diversas vezes, esses cães foram (ou estão em vias de ser) tornados nativos: já são, como a prática do trenó, parte da cultura patagônica. Como principal mote de minha pesquisa, é deles que me ocupo na próxima seção deste artigo. De “moléstias” e “invasores” a estampas de camisetas, globos de neve e outros souvenirs, o que é e o que pode um cão na Terra do Fogo?

Os cães de trenó: sobre codomesticação e a centralidade da “genética” na prática e no discurso do mushing

Por um lado, *mushers* e cães carecem, para que a prática do trenó seja possível, de uma relação estreita baseada na “confianza”, no “feeling”, no entendimento mútuo e numa comunicação incessante (*mushers* através de comandos não necessariamente verbais e cães através de grunhidos, latidos e linguagem corporal): cães de trenó e *mushers* se conhecem e se fazem conhecer uns aos outros especialmente através do convívio e da observação. Por outro, a prática do trenó no turismo é uma prática econômica, e os cães, inevitavelmente, nas palavras de Miguel, um dos *mushers* que tive a oportunidade de conhecer em campo, “son parte del negocio”. No entanto, mesmo “mercadorias” podem ser amadas e cuidadas, e a mercantilização de animais é questão fundamental para a discussão do trabalho animal (e, aqui, sobretudo dos cães), já que esses animais não são apenas mercadorias, com valor de uso e de troca, mas também espécies de bens de capital – “lively capital”, tal qual sugerido por Haraway (2008) –, já que fazem (e valem) dinheiro.

De outra parte, entre cães de trenó e turistas a relação é marcada tanto por um fetiche mercadológico quanto pela “humanización” (nas palavras dos próprios *mushers*) dos cães. São “pobres coitados que trabalham o dia inteiro” e, portanto, vítimas de “desumanidade”, mas também são resumidos à estética e ao encanto pelo “selvagem”: conforme

pude observar em campo inúmeras vezes, muitos turistas ficam extremamente desapontados quando descobrem que seus trenós não serão puxados apenas pelos belíssimos e (aparentemente) “indômitos” huskies siberianos. Entre os turistas, portanto, predomina o valor denotado à estética – neste caso, ao “exótico”. Em campo, frequentemente ouvia turistas exaltando a beleza dos huskies siberianos: “esse eu queria pra mim, tem olho azul, olha! Esse é só pra enfeitar [o *Criadero*]”; “tadinho, tão lindo, tá aqui pra trabalhar”; “tira foto desse aqui, é maravilhoso!”; e por aí vai. No contexto apresentado neste artigo, sejam os cães “parte del equipo” ou produto de um “perfeccionamiento genético”, mercadorias-fetichê ou “mascotas”, eles assumem, em suas relações tanto com *mushers* quanto com turistas, diferentes papéis – como já indicado por Vander Velden (2012), cães têm, por definição, estatuto ambíguo.

Mushers e cães formam “un equipo”, que carece, de acordo com Hugo Flores, estar “siempre en sintonía, siempre en comunicación, es necesario que haya un feeling, una relación de confianza entre perros y mushers”. Entre *mushers* e cães “la relación es metafísica, no se explica con palabras” – é algo que, inclusive, vai além do corpo também.

O *Criadero Siberianos de Fuego* insere-se no centro invernal *Las Cotorras*, que oferece, além dos passeios turísticos de trenó, passeios de trenó motorizado, esqui e caminhadas na neve. De acordo com Hugo Flores, *musher* e proprietário do *Criadero*, a prática turística do trenó em Ushuaia começou em 1991 e ele está ali trabalhando com a atividade desde 1999, há quase vinte anos, quando se mudou de Río Grande (Província da Terra do Fogo) e dispunha de uma equipe de apenas 27 cães. Atualmente, os 137 cães de Hugo são cuidados por mais quatro *mushers* (além de ele próprio): seus filhos, Nahuel e Leonardo Flores, Jorge e Hernan.

As tarefas em *Siberianos* começam por volta das oito horas da manhã, quando um caldo (de arroz, carneiro e outros restos de comida) é preparado para os cães – que, às vezes, também ganham um osso para roer. Os ossos e os restos de carneiro são provenientes do próprio restaurante de *Las Cotorras*. Cada *musher* é responsável pela criação de uma equipe de cães, sobretudo ao que concerne à alimentação, à higiene, ao afeto e ao treinamento dos animais. Neste contexto, o ato de criar diz respeito aos cuidados rotineiros com os cães (alimentação, saúde, higiene e afeto), bem como à procriação controlada e à manipulação genética (responsabilidades exclusivamente de Hugo). O ato de treinar, por outro lado, pode dizer respeito tanto às práticas estabelecidas entre humanos e cães – aos passeios de trenó propriamente ditos, que além de treinos também são exercícios

físicos – quanto à “genética”: conforme Hugo, “nosotros también entrenamos los perros con genética”. Apesar, então, de os animais pertencerem a Hugo, a rotina diária para com eles é responsabilidade de todos. Além disso, no que se refere aos treinamentos, cada um dos *mushers* também é responsável por saber, dentre sua equipe de cães, quais precisam se exercitar ou não em determinado dia.

Em *Siberianos de Fuego*, os cães descansam por volta de dez a quinze minutos entre cada passeio; ficam deitados, brincando, latindo, às vezes brigando. Os *mushers*, por outro lado, conferem constantemente os animais e os trenós, certificando-se de que os cães estão confortáveis e os trenós em ordem. Além disso, só substituem os animais no trenó quando se machucam ou não querem mais correr, quando estão cansados ou dão as seis voltas máximas diárias: disse-me Leo que “el musher es como un director técnico, y por eso necesitamos estar siempre atentos con nuestro equipo” – e a noção de “*equipo*”, neste contexto, é deveras interessante para se pensar a relação simbiótica entre cães, *mushers* e trenós. De acordo com Jorge, o único consenso entre eles é o de que todos “necesitan conocer a sus perros muy bien, y siempre entender lo que quieren decir con sus gestos” – e esse conhecimento aflora da convivência e da observação.

A importância de se conhecer os cães, o respeito por suas habilidades, a comunicação em mão dupla que é estabelecida entre cães e humanos e a importância da confiança e da parceria na relação foram algumas das questões exploradas por Kuhl (2011:22) a respeito das relações entre *mushers* e cães de trenó no Hemisfério Norte. Todos os aspectos supracitados, que surgiram em suas conversas com os *mushers*, também assomaram em Ushuaia. Conforme me afirmaram em *Siberianos*, os cães têm cada um uma personalidade – e, portanto, é substancial conhecê-los individualmente, o “carácter” de cada um, e saber quais são seus gostos e desgostos, amizades e inimizades, para que se logre a relação entre cães e *mushers*: há cães “celosos”, “inteligentes”, “tontos”, “buenos” e até mesmo “falsos”. Nesse sentido, para que a prática do trenó aconteça, *mushers* e cães precisam se conhecer e se fazer conhecer, estabelecer uma relação de confiança mútua e uma comunicação que se faça inteligível para ambos: “Because the mushers felt their dogs to be individuals with personalities, ‘you need to get to know them’ was a phrase I heard often when mushers spoke of the elements of a good musher-sled dog relationship” (Kuhl 2011:26).

De acordo com Hernan, não se ensina a ser *musher* e, para se aprender a prática, “el principal es gustar de perros y que ellos te acepten”. Além disso, é através da observação

que os fundamentos práticos do *mushing* são transmitidos, tal qual acontece entre os próprios cães quando estão aprendendo a puxar um trenó: aprendem, principalmente, observando uns aos outros, mas também através de latidos, grunhidos, rosnadas e mordidas. Conforme apontou Vander Velden (2016:28), a ideia de que se aprende fazendo é algo que aparece com certa frequência em contextos de uso de cães de caça – por exemplo, entre os Karitiana em Rondônia: “Caçadores humanos devem fazer seus cachorros bons caçadores, por meio de um conjunto de procedimentos (...) ‘fazer’, mais do que ‘ensinar’ – como pensamos o treinamento de cães entre nós – porque os cachorros aprendem de fato a caçar na prática”. Além disso, diversamente do que sucede com cães de estimação, “adiestrados especificamente por los humanos” (Jorge), cães de trenó aprendem a técnica, sobretudo, entre si. Conforme Joel, *musher* em outro centro invernal da cidade:

Para enseñarles, colocamos los cachorros [filhotes] en el trineo junto con perros experimentados, para que éstos enseñen a los principiantes. Es a través de miradas, olores y ladridos que los perros se enseñan unos a otros. Nosotros enseñamos los comandos, los perros enseñan a tirar. Y formamos un equipo (Joel).

Contaram-me os *mushers* que, com mais ou menos um ano de idade, quando já estão formados tanto física quanto mentalmente, cães novatos são, conjuntamente com cães experientes, atrelados ao trenó e, então, tanto *musher* quanto cães ensinam o novato a puxar o trenó: comandos e trabalho em equipe, respectivamente. Além disso, “los perros-guía¹² más viejos y experimentados, como Luna [alaskana de nove anos], enseñan y nos ayudan a enseñar a los perros jóvenes a convertirse en perros-guía” (Hugo). Neste contexto, quando estão falando de “entrenamiento” e “entrenar”, os *mushers* estão se referindo aos próprios passeios de trenó, uma vez que o treino e o *mushing* em si são práticas simultâneas. Como sugeriu Vander Velden (2016:30) sobre os cães caçadores entre os Karitiana, “o treinamento, de fato, parece se dar apenas na floresta, durante as caçadas, e não apenas com os caçadores humanos mas, sobretudo, com outros cachorros já experimentados nas técnicas de procurar, perseguir e matar”.

¹² Cães-guia são os cães que vão à frente ao trenó. São, de acordo com os *mushers*, os cães mais inteligentes que ocupam essa posição, uma vez que têm de guiar os outros cães atrás de si.

Esse “ensino prático canino” também apareceu nas relações entre os cães “aposentados” e aqueles que ainda trabalham: num dia qualquer em *Siberianos*, Sara, uma husky alaskana de doze anos, foi aposentada. De acordo com Hugo, ela foi solta e ficou correndo por entre todos os outros cães, “saludándolos”. Ela, Hummer e Gema, também alaskanos aposentados, de treze e quinze anos respectivamente, são cães que têm como tarefa “enseñar a los demás [cães] a seren tranquilos unos con otros” (Hugo). Nas palavras de Hernan:

Gema y Hummer son los dos perros más viejos. Ellos tienen como función enseñar a los otros perros a socializar. Andan entre todos, sueltos y tranquilos, y transmiten buenas energías y tranquilidad. Así los perros aprenden a pelear menos y quedarse tranquilos entre ellos (Hernan).

Contudo, disse-me Hugo que esse ensino prático – ou, como sugerido por Ingold (2000), essa “educação para a atenção” – decorre, principalmente, da própria ancestralidade dos cães. Segundo ele, são cães que, genética e instintivamente, gostam e são inclinados a correr: os gostos e hábitos dos cães estão nos genes, vêm de seus ancestrais. Então, para os *mushers*, a própria “educação para a atenção”, o ensino prático que sucede entre os próprios cães, é, ao menos em parte, uma consequência da composição genética – e, também, da manipulação genética – desses animais: de acordo com Hugo, “entrenamos los perros con genética, y entrenar con genética es como hacer un plan previo”. Treinar cães de trenó é, principalmente, prepara-los geneticamente, desde a escolha dos cruzamentos e a concepção, para a prática do trenó. Hugo, então, se responsabiliza pela “manutenção” da “natureza” desses cães – que são “originariamente” puxadores de trenó.

Os cães, sejam huskies siberianos ou alaskanos¹³, são cães que “ancestralmente aman correr”. Aqui, “genética” diz respeito tanto a um “aperfeiçoamento”, a uma técnica de “optimización” do desempenho dos cães para o trabalho de puxar um trenó, quanto à própria “naturaleza” dos animais, às suas “características inherentes”, ao seu “pasado ancestral”: frases como “abrimos la genética de los perros (...)” e “es su naturaleza, su herencia de los lobos” eram constantemente pronunciadas pelos *mushers*. Nesse sentido, no

¹³ Os huskies alaskanos, apesar de não consistirem em uma raça “originária”, são fruto de uma mistura de algumas dessas raças. Malamute do Alasca, husky siberiano, pointer, saluki e pastor da Anatólia foram as principais raças que, inicialmente, compuseram o husky alaskano geneticamente (Huson et al. 2010:1).

contexto aqui exposto a “dimensão relacional” (Sautchuk & Stoeckli 2012:228) do termo “genética” e, conseqüentemente, “domesticação”, bem como sua condição ambígua, é algo digno de nota: se por um lado o “pasado originario” dos cães de trenó é um passado no qual já se encontravam domesticados, por outro os cães são “morfologicamente domesticados” (Ingold 1980:82) através do aperfeiçoamento genético, da reprodução controlada.

De acordo com Hugo, por conta da ancestralidade lupina dos cães – especialmente dos “perros nórdicos”, categoria utilizada por Hugo para se referir aos cães de trenó “puros”, como o husky siberiano – o comportamento canino é, naturalmente, parecido com o comportamento dos lobos: viver em família, gostar de correr, demarcar território e ter um macho-alfa (que é humano, neste contexto) são todas características herdadas geneticamente dos lobos – o “selvagem”, aqui, ao contrário do que sucede entre os cães asselvajados, *agrega* valor: “el aullido de los perros de trineo es un legado de los lobos” e, como fazem estes, os cães, quando chegam de um passeio, gostam de demarcar território “como si estuvieran en un nuevo lugar, aún inexplorado”:

La línea de los perros nórdicos, lo único que les interesa es vivir en jauría, estar en un lugar en que ellos puedan disfrutar, correr, les gusta mucho correr. Hay toda la línea de decanos lupus, los lobos, los chacales, los perros primitivos y después las subespecies, que el hombre hay ido cruzando, haciendo mutaciones. A mí me gusta mucho trabajar con el nórdico porque vendrían a ser la esencia, el principio de todo, todos los demás son razas que el hombre ha inventado (Hugo).

Hugo certo dia me afirmou o seguinte: “así como los perros de trineo sienten la necesidad de correr y tirar, el border collie es un perro que siente la necesidad de agrupar, y es por eso que es un perro pastor tan bueno”. Para ele e para os outros *mushers*, os cães de trenó têm predisposição para correr, e isso se explica geneticamente; os cães aprendem na prática a puxar um trenó, mas só aprendem porque correr é uma de suas características naturais, instintivas e inerentes. Para eles, a origem dos cães é já puxando um trenó, já trabalhando – e curioso que, ao remeterem os cães de trenó a um “pasado ancestral”, eles também remetem os povos inuítes e siberianos às “origens”.

Como sugere Haraway (2003) é a partir da convivência entre as espécies companheiras que devemos buscar pensar o biopoder, a biossocialidade e a tecnociência no mundo. Por conta de sua íntima relação com cães e competições de agilidade canina, as

reflexões de Haraway afluem especialmente para os cães e as relações que nós, humanos, tecemos com eles, e faz isso a partir de sua noção de espécies companheiras. Mas, para além dos cães, seus argumentos (Haraway 2003, 2008) dizem respeito às conexões entre as espécies: são, sobretudo, sobre ultrapassar o excepcionalismo humano e considerar a tecnologia como uma parte das nossas relações com outros humanos e não humanos. Para que a prática do trenó aconteça se faz necessária certa “harmonia operacional” entre *mushers*, cães e trenós. O desafio sempre é, de acordo com Haraway (2008), encontrar coerência entre mundos incoerentes. E essa harmonia, no contexto deste artigo, só é lograda através da convivência e da observação mútua – ou seja, de uma codomesticação Fijn (2011:241): cães e humanos têm de, “en equipo”, aprender essa *assemblage* técnica muito particular.

Considerações finais

Como sugerido por Osório (2013:169), “(...) para aqueles [animais das ruas] que não se permitem domesticar, o grupo [de protetores de animais] guarda o adjetivo feral, que significa em estado selvagem”. No contexto aqui apresentado, cães que vivem nas ruas de Ushuaia não são necessariamente classificados como “selvagens”, apesar de também consistirem, como os *perros salvajes*, em um problema social. Cães nas ruas de Ushuaia estão/são localizados algo como em uma categoria transitória, entre aqueles que têm donos – cães de estimação – e aqueles que vivem em *jaurías* e atacam os rebanhos fueguinos – os cães selvagens por excelência. Aqui, como entre os protetores de animais supracitados, “o processo de domesticação só faz sentido se o animal se torna propriedade” (Osório 2013:157) – ou *pode vir a* se tornar, como é o caso dos cães nas ruas. Para aqueles que já perderam seu estatuto de animal doméstico, guarda-se os adjetivos *salvaje* ou *asilvestrado*. Entre os cães fueguinos, as dicotomias doméstico/selvagem e natureza/cultura estão mais para emaranhados que para domínios estanques: como sugere Vander Velden (2018:43), reconhecer “a riqueza e a porosidade das fronteiras entre natureza (selvagem/silvestre) e cultura (doméstico/domesticado)” nos leva, por exemplo, “a repensar a domesticação como processo contínuo e permanente (...)”.

Por um lado, cães asselvajados tornaram-se asselvajados em virtude do abandono; devem, portanto, sua “natureza” a uma prática “cultural”. Por outro, cães de trenó são, para os *mushers*, *naturalmente, originariamente*, bons trabalhadores; para os turistas, ou

são “coitadinhos” que não deveriam trabalhar – pois cães são animais de estimação, não de trabalho – ou despertam interesse e fascínio por serem muito parecidos com lobos – em outras palavras, por serem (quase) selvagens: talvez, despertem interesse justamente por sua condição de “quase selvagens”, por representarem, de certa maneira, a domesticação do selvagem. Nesse sentido, como híbridos natural-culturais (Latour 1994) ou naturezasculturas (Haraway 2008), os cães de trenó, bem como os *perros salvajes*, acabam constituindo-se mais de cultura que de natureza: devem o que são, devem sua “natureza”, principalmente, ao que lhes é outorgado pelo humano.

No entanto, algo curioso a se pensar: os cães de trenó, apesar de aparentarem ser mais cultura que natureza, não são assim considerados pelos *mushers*, uma vez que são, para eles, “naturalmente” propensos a correr e a puxar um trenó – aliás, esses cães parecem ser naturalmente “feitos” para tracionar, uma vez que emergem, desde sempre, puxando um trenó. São perfeitos híbridos naturalculturais, pois, na sua origem, parece que natureza e cultura não se distinguem: eles já surgem acoplados aos trenós. É deveras interessante esta espécie de “mito de origem” dessas raças: as mais “ancestrais” parecem ser as mais adaptadas a uma ação desenhada por seres humanos. “Entrenamos los perros con genética”, “los perros ancestralmente aman correr”, “elegimos genéticamente animales que ancestralmente han corrido”. Há uma certa ambiguidade aqui: como os cães manifestam ações “ancestrais” e são “eleitos” ou “feitos geneticamente”? As narrativas neste contexto parecem combinar natureza e cultura de um modo singular: esses cães são natureza e cultura ao mesmo tempo, e os *mushers* aparentam operar com esta ambiguidade discursiva sem perceber, ou sem se importar com ela. Em certo sentido, é como se a própria ideia de domesticação – e, no caso dos *perros salvajes*, de selvagem – fosse intuitiva, independente da experiência e da prática – como se ela nada tivesse que ver, originariamente, com o humano.

Discute-se muito acerca dos cães como animais de estimação na antropologia (Oliveira 2006; Segata 2012; Pastori 2012; Teixeira 2016), que tem se concentrado neles e pouco falado dos cães em outros contextos – incluindo o trabalho, o esporte, o mercado e à condição de animal selvagem, temas caros à pesquisa aqui apresentada –, o que limita nossa compreensão do que é e do que pode um cão, e das relações que os conectam aos coletivos humanos. Destarte, foi como naturezasculturas (Haraway 2003, 2008) que as relações práticas e semióticas entre cães, trenós e humanos, bem como entre cães asselvajados, humanos e outros não humanos, foram pensadas ao longo deste artigo, numa tentativa de desvelar o que podem e o que são os cães na Terra do Fogo.

Referências

- CUMMINS, Bryan. 2009. **Bear Country: predation, politics, and the changing face of Pyrenean Pastoralism**. Carolina Academic Press.
- FIJN, Natasha. 2011. **Living with herds: human-animal coexistence in Mongolia**. New York: Cambridge University Press.
- HARAWAY, Donna J. 2003. **The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press.
- _____. 2008. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- INGOLD, Tim. 1980. **Hunters, pastoralists and ranchers: Reindeer economies and their transformations**. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2000. **The perception of the environment: essays in Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge.
- KUHL, Gail. 2011. Human-sled dog relations: what can we learn from the stories and experiences of mushers? **Society & Animals**, 19, 22-37.
- LIEN, Marianne Elisabeth & LAW, John. 2011. 'Emergent Aliens': On Salmon, Nature, and Their Enactment. **Ethnos**, 76(1), 65-87.
- MOREY, Darcy. 2010. **Dogs: domestication and the development of a social bond**. Cambridge: Cambridge University Press.
- OLIVEIRA, Samantha B. C. 2006. **Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, Rio de Janeiro.
- OSÓRIO, Andréa. 2013. A cidade e os animais: da modernização à posse responsável. **Teoria & Sociedade**, 21(1), 143-176.
- PASTORI, Érica Onzi. 2012. **Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRG, dissertação de mestrado.

- SANTOS, Bruno Silva. 2018. Dó e alegria: relações entre os Guarani-Mbya e seus cães no Jaraguá/SP. **Ambivalências**, v. 5, 49-81.
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. 2018. Os antropólogos e a domesticação: derivações e ressurgências de um conceito. In SEGATA, Jean & RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida**. Porto Alegre: UFRGS, 85-108.
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel; STOECKLI, Pedro. 2012. “O que é um humano? Variações da noção de domesticação em Tim Ingold”. **Anuário Antropológico** [Online] II, 227-246. Disponível em: <<http://aa.revues.org/238>>.
- SCHIAVINI, Adrián & NARBAIZA, Carla (eds.). 2015. Conflictos derivados de las poblaciones caninas en Tierra del Fuego. **Informe realizado por solicitud del Comité de Emergencia Agroganadero y de Alerta Sanitaria de Tierra del Fuego**.
- SEGATA, Jean. 2012. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação**. Florianópolis: UFSC, tese de doutorado.
- TEIXEIRA, Ivana. 2016. A relação entre homens e animais no mundo da cinofilia: uma análise antropológica. In: BEVILAQUA, C. & VANDER VELDEN, F. (orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba: Ed. UFPR; São Carlos, SP: EdUFSCar, 103-117.
- VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. 2012. **Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana**. São Paulo: Alameda.
- _____. 2016. Como se faz um cachorro caçador entre os Karitiana (Rondônia). **Teoria e Cultura**, 11(2), 25-35.
- _____. 2018. **Jóias da floresta: antropologia do tráfico de animais**. São Carlos: EdUFSCar.